

anno christiano

AVE

MARIA

Aspecto da Cidade — do Vaticano —

A guerra modificou sensivelmente a atmosfera do Vaticano.

Prisioneira, forçada da capital romana, a Cidade Pontifícia está materialmente isolada do mundo católico até ao fim das hostilidades. As peregrinações dos fiéis estrangeiros cessaram quasi completamente. Mesmo para os cidadãos de países que se não acham em guerra com a Itália a viagem é, hoje em dia, impossível. Sòmente o avião permitiria fazer a peregrinação. Mas para tal seria necessária a construção de um campo de pouso no território pontifício, segundo havia sido previsto no Tratado de Latrão, mas nunca foi executado.

É certo que se realizam ininterruptamente numerosas audiências. Todas as manhãs, as sentinelas do Vaticano, sempre revestidas do seu pitoresco uniforme azul e amarelo com galões vermelhos, segundo os desenhos originaes de Rafael, mas com a substituição — desde a guerra — da tradicional halabarda por um bom fuzil de baioneta calada — veem desfilar uma larga fila de fiéis. Os romeiros atravessam a pesada porta de bronze e desaparecem pelo pátio de São Damaso. Mas êsses peregrinos são todos habitantes da península. Depois, o palácio torna-se de novo singularmente silencioso e deserto, a-pesar de ser habitado, como anteriormente, por algumas centenas de pessoas.

A população da Cidade compreende 568 italianos, 115 suiços, 11 alemães, 10 franceses, 4 ingleses, 1 holandês, 1 belga, 1 norueguês, 1 espanhol e 1 húngaro.

A Cidade Igreja, desde o início das hostilidades, modelou a sua vida pela da Cidade Eterna. Todas as noites são extintas as luzes. Por cima dos vidros das janelas, pintados de azul, são baixadas pesadas cortinas. Quando o alerta é dado em Roma, a sereia do montículo do Vaticano mistura o seu apito estridente aos da capital italiana que partem do Aventino.

Foram instalados abrigos no sub-solo do palácio papalino. Um deles é reservado ao Soberano Pontífice, embora Pio XII, até ao presente, nunca houvesse deixado os seus apartamentos particulares durante os momentos de alerta. Aliás, Roma nunca foi atacada pela aviação britânica, principalmente por motivo da presença no Vaticano do Santo Padre, o que constitue, para os habitantes da capital italiana melhor proteção do que quaisquer baterias antiaéreas.

O Vaticano compartilha da sorte de Roma no concernente às restrições. Como a gasolina é distribuída com a maior parcimônia, foi dada ordem a todos os Prelados e membros do Sacro Colégio no sentido de suprimirem todo passeio de automovel.

O próprio Papa serve-se da magnífica máquina americana que lhe foi presenteada sòmente para dirigir-se, em companhia de um camareiro e de um secretário, aos pontos pitorescos dos jardins do palácio, onde tem o costume de recolher-se em meditação todas as tardes, e de ler o breviário. As restrições ali-

mentares são as mesmas vigentes em Roma. Sòmente a guarda suiça e os gendarmes pontificiais teem direito a alguns suplementos. O café, outrora tão apreciado na Cidade-Igreja, é hoje tão raro como no resto da península. O preço dos gêneros alimentícios é ainda mais alto do que na capital e que ainda mais accentua o carater espartano da vida da cidade pontifical. Do mesmo modo, o "óbolo de São Pedro" foi consideravelmente reduzido, em consequência da guerra européia.

É claro que Pio XII também exigiu que fosse submetido ao racionamento. Eis os tipos das refeições que toma sempre sózinho e, aliás, sem prestar atenção ao que lhe é servido. Pela manhã, café com leite, pão e manteiga; ao almoço, uma chicara de caldo, uma fatia de vitelo, alguns legumes, queijo, creme e algumas frutas, tudo regado por meio copo de vinho com água; ao jantar, dois ovos, um pouco de pirão de batata, legumes, queijo fresco e frutas.

O Sumo Pontífice não modificou as suas ocupações desde o início das hostilidades. Das 6 horas da manhã à meia noite, continúa a desenvolver a sua magnífica atividade. Êsse corpo, de apparencia quasi imaterial, encerra fontes de energia sobrehumana. Tal força num ser humano não pode provir senão da alma. O Santo Padre, entretanto, nada despreza para conservar a saúde. Permaneceu sempre fiel à sala de cultura física, à mecanoterapia, à didroterapia.

Pio XII é, aliás, um Papa resolutamente moderno, que não desdenha as pequenas vantagens dos progressos materiais. O Santo Padre barbeia-se êle mesmo todas as manhãs com uma navalha mecânica, fornecida por uma casa americana. Do mesmo modo, escreve com rapidez na sua máquina Remington parte do seu correio.

Mas durante todo o dia, o Sumo Pontífice carrega a dor imensa que o fere em consequência da luta dos povos em guerra. Ao despertar, o seu primeiro pensamento é para os combatentes de todos os países. A missa que celebra às 7 horas é acompanhada de fervorosa oração para o restabelecimento da paz. É ainda o pensamento da guerra que o curva cada noite, ao ouvir as notas de guerra colhidas das diversas irradiações e reunidas pelo Padre Filipe Soccorsi, diretor da estação de rádio do Vaticano. Também acontece que o Papa se ponha a escutar ao seu aparelho de oito lâmpadas, especialmente construído para o seu uso e com auxílio do qual ouve o relato trágico dos acontecimentos dos últimos dois anos.

Nos primeiros meses da guerra, Pio XII sentia-se a tal ponto dilacerado pelo que, na sua última mensagem, qualificou de "reinado do mal" que não chegava a conciliar o sono. Os cuidados dos seus médicos Drs. Richard, Lisi e Galeazzini restituíram-lhe o sono, mas todas as noites antes de dormir o Santo Padre murmura a mais fervorosa prece pelos que morrem, pelos que sofrem, pelos que esperam. Também pedirá, sem dúvida, a Deus que lhe dê as forças necessárias para ditar aos homens o seu dever quando soar — segundo as palavras pontificias — a hora da libertação que trará, novamente, os povos e as nações ao reinado de justiça, da calma e de paz.

AVE

REVISTA SEMANAL

MARIA

CATÓLICA ILUSTRADA

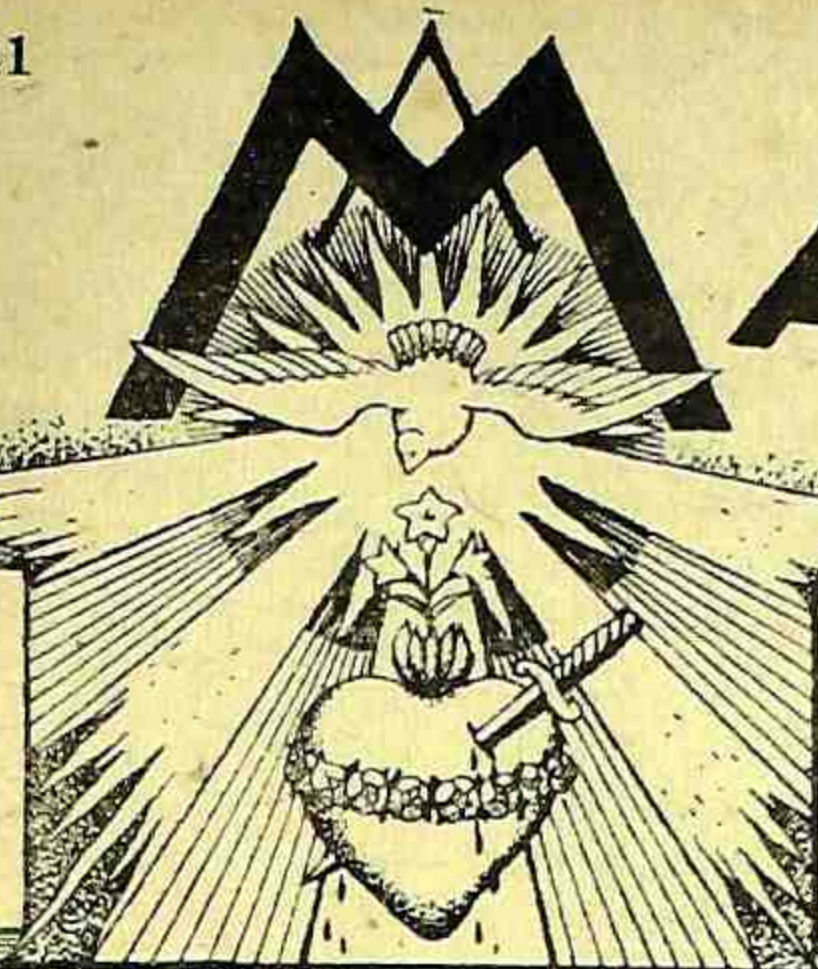
ASSINATURAS:

Perpétua 150\$000

Ano 10\$000

Número avulso . . . \$500

(Com aprov. eclesiástica)



RED. E ADMIN.:

Rua Jaguaribe, 699

Fone: 5-1304 - Caixa, 615

OFICINAS: Rua Martim
Francisco, 646-656

A piedade fraternal dos cristãos

para as almas do purgatório



OBERTAS estão as igrejas de tapeçarias e colgaduras de luto: os catafalcos, semelhantes a sepulcros, e ornamentados de crepes funéreos, os Sacerdotes paramentados de vestes que simbolizam o pranto, cantando orações que pedem misericórdia; os sinos balançando-se no espaço com toques solenes e pausados: tudo significa que a grande família cristã chora, em conjunto o passamento dos seus mortos, não já daqueles que um dia longinquo se celebrizaram em gloriosas batalhas ou nos gabinetes de Governo ou na criação de maravilhosas obras de arte; mas a sua emoção é religiosa, mais humana e profunda.

O cristão comemora nestes dias as almas piedosas dos seus antepassados e próximos parentes que lhe encheram o coração de carinhosas saudades; a sua fé lhe recorda que talvez eles, por suas faltas possíveis e costumadas fragilidades, estejam ainda no lugar da expiação, satisfazendo à justiça de Deus as penas devidas.

Porque as suas leves, mas culpadas negligências, no cumprimento do dever, as consdescendências excessivas, a falta de satisfação e penitência conveniente por culpas graves, embora perdoadas no tribunal da penitência, tudo isto as pôde sujeitar às grandes penas e aflições no purgatório e por um tempo que nós ignoramos.

As penas das almas destinadas àquele lugar são, pois, temporais; mas podem ser diminuídas e seu tempo reduzido com os sufrágios piedosos da Igreja e ainda com as orações dos cristãos, com as boas obras que importam sacrifício, como as penitências e as dádivas espontâneas da caridade aos órfãos e os pobres de Cristo.

Pois a Igreja é Mãe para todos os seus filhos e membros, não pode deixar no sombrio esquecimento as almas dos que um dia receberam no mundo os seus cuidados e participaram das suas orações e receberam os seus Sacramentos.

Sabemos que desde os primeiros tempos da mesma os cristãos e em seu nome os Sacerdotes e os Bispos, ofereciam o sacrifício da missa pelos finados, não só por ocasião do seu enterramento, mas também nos seus aniversários, como testemunha Tertuliano nos princípios do século III, e diz que isto se fazia por tradição dos maiores; afirmando também Sto. Agostinho no princípio do século V: Não se ha deixar de fazer pelas almas dos mortos as súplicas que a Igreja tomou a seu cargo fazer por todos os que faleceram na sociedade cristã e católica sob uma comemoração geral, embora calando os nomes de todos para que aquilo em que faltam os pais ou os filhos ou quaisquer parentes ou amigos,

seja oferecido pela Mãe comum e piedosa. (De cura mortuorum.)

No seu tão conhecido livro "Enchiridion" ou **Manual**, ensina o mesmo Doutor como um dos fundamentos para a prática dos sufrágios da Igreja que alguns homens não são tão máus que "estas súplicas e orações não lhes aproveitem depois da morte", assim como "outros não fôram tão bons que não precisem dêsse auxílio espiritual" e "que são aliviados pela piedade dos seus sobreviventes, quando por êles é oferecido o sacrifício do Mediador ou se fazem por êles esmolas na Igreja; mas estas cousas aproveitam aos que mereceram durante a vida que estas cousas lhes aproveitassem."

E por ser tal o sentido da Igreja não só na África romana e cristã, mas também no Oriente, refere-nos a História Eclesiástica que os herejes arianos por afirmarem a inutilidade dos sufrágios e por outros erros doutrinários foram separados da Igreja no século IV, de modo que faziam o seu culto nos bosques e nas cavernas, extinguindo-se pouco tempo depois aquela seita que foi predecessora longinqua dos transviados protestantes, os quais, escarmentados na má sorte dos seus predecessores, se incumbiram de tirar quanto antes na Alemanha as igrejas aos católicos.

Mas entre êstes modernos sectários já ha muitos ilustrados e que na Inglaterra se chamavam **racionais**, que, acercando-se da Igreja católica afirmavam haver muitos homens que não são de tal modo apaixonados nos seus vícios que mereçam as penas eternas, nem tão isentos de culpa que mereçam disfrutar o consórcio dos bemaventurados; e que a divina bondade quis mais destinar-lhes um lugar intermédio onde se purifiquem com certa medida de penas", como refere o clérigo convertido Oxenham na sua obra **Catholic Eschatology**.

Confirmam entre êles esta afirmação católica autores como Farrar, o Bispo anglicano A. Campbell, já no princípio do século XVIII; Hodge, e o professor luterano alemão C. Hase no seu "Manual de Polémica.

A força da verdade abre assim a luz às vezes ainda aos entendimentos prevenidos, seguindo também na mesma rota para o Catolicismo a seita dos ritualistas.

Acompanhando, pois, o pranto e a piedade da Igreja pelos seus filhos, é justo que todos os cristãos queiram apiedar-se

não só das almas dos que foram seus amados parentes, mas também de todos os que um dia fôram, como nós, assinalados com o carater batismal, participaram dos mesmos sacrifícios e rogaram por nós, como bons irmãos em Cristo, erguendo ao céu as suas orações.

P. Luis Salamero, C. M. F.



"França, sim, mas Deus primeiro"

diz o Exmo. e Rvmo. Sr. Bispo de Montauban

O despertar religioso do povo francês, do qual os primeiros sinais eram visíveis bem antes da guerra, atingiu profundamente as massas. Em nenhum momento do século passado, o clero foi tão popular. As igrejas ficam repletas, e o espetáculo que oferece todos os domingos a peregrinação de milhares de crentes pelas ruas de Lião, até a Praça Fontvière, séde do Arcebispo, é inesquecível. Para ouvir o Cardeal, êles veem dos suburbios da região não ocupada da província e mesmo das regiões fronteiras ao Dauphiné. O velho provérbio "Se o perigo é maior, Deus está mais próximo", parece se verificar.

A atitude prudente da Igreja com relação ao Governo de Vichy contribue certamente para a sua popularidade. O povo aprecia o esforço das organizações católicas contra a indiferença crescente do francês médio, que se desenvolve em todos os terrenos e, especialmente, no jornalismo, onde se estabelece um estreito contacto com os católicos da Suíça, Espanha e Portugal. Em cada edição, os jornais da Igreja afirmam a universalidade do catolicismo. Tais palavras teem um efeito mágico nestes dias em que um nacionalismo exagerado impõe o silêncio a todo um continente. Jornais como "La Croix", "Corriere de Geneve", e mesmo as "Semanas Religiosas", que tinham uma tiragem muito reduzida, antes da guerra, tiram atualmente mais de um milhão de exemplares, e, uma vez que são os únicos jornais que teem correspondentes no estrangeiro, levam aos leitores o eco de fora, através das notícias sôbre o progresso do Catolicismo nas duas Américas.

O povo aprecia ainda a atitude da Igreja em favor dos refugiados, nacionais e estrangeiros, e sua crítica do "chauvinismo" e das me-

DOCTRINANDO EM EXEMPLOS

Só três membros compunham aquela família: o pai, a mãe e o filhinho, o encanto e a alegria de seus pais. A felicidade daquele doce lar não seria em nada empanada si não fosse a completa descrença do pai, ateu e maçom, que cravava dorido espinho no coração piedoso e católico da boa mãe, que educava religiosamente o seu meigo filhinho. Havia anos que Maria, assim se chamava a piedosa mãe, carregava a pesada cruz da descrença e do setarismo do marido, e, si bem que não desesperasse de um dia vê-lo convertido, era isso a causa permanente de suas lágrimas e dôres.

Num dia em que ela derramava copiosas lágrimas por êsse motivo, o pequenino anjo de 5 anos, que era a luz de seus olhos, perguntou-lhe a razão de seu pranto.

— Choro, meu filho, por que papai não é bom como nós, não tem fé nem religião.

O menino, ajoelhando-se aos pés da mãe, põe-se a implorar na simplicidade de sua inocência, para que sua mãezinha não chorasse mais. Comovida e compungida com a carinhosa solicitude do filhinho, Maria pede-lhe que vá à Matriz e até o altar-mór, aproxime-se daquela portinha de onde o Padre tira as santas hóstias consagradas, nas quais está Jesús, o bom Menino Jesús, bata e chame-O. E quando Ele te atender, acrescenta, pede com fervor que converta teu paizinho, para que tua mãezinha não chore mais, porque também choras vendo as lágrimas de mamãe...

O menino, inocente, mas muito vivo e inteligente, um verdadeiro anjo em carne humana, corre ao templo só e lá chegando aproxima-se do altar-mór. Ninguém havia na igreja. Com o auxílio de uma cadeira sobe até o altar e aproximando-se do Sacrário bate à porta do Menino Jesús. Nenhuma resposta. Pelo cérebro infantil do pequeno célere passa a pergunta: Mamãe disse que o Menino Jesús está aqui e Ele não me responde. Será que está dormindo? Torna a bater, dizendo: Jesús, Jesús, responde! Tenho um pedido a fazer-Te em nome de minha mãe. Nada. A criança,

desconsolada, chora e bate pela terceira vez: Jesús, Jesús! Escuta, ó meu Jesús! E, ó! o amor do Coração Divino de Jesús!... Não resiste ao apêlo do anjo da inocência e responde: Que queres, meu filho? E o menino, cheio de alegria e contentamento: A conversão de meu pai, Jesús querido, para que a mãezinha não chore mais e eu também não chore por vê-la chorar!

— Volta, meu filho, para tua casa e dize à tua mãezinha que o papai já está convertido.

— Obrigado, meu bom e querido Jesús, eu sou vosso amiguinho, sou muito vosso amigo.

— Sim, meu filho. Vai com a minha bênção.

O menino voltou voando para casa e lá, mal entrou, começou a gritar:

— Mamãe! mamãe! Já falei com Jesús e Ele me disse que papai já está convertido!

Maria ficou desnorteada, sem compreender o milagre. Nesse momento, porém, chega seu marido, a quem ela contou imediatamente o que sucedera. Êste, visivelmente emocionado, pergunta quando se deu o fato, e sabendo que fôra questão de poucos instantes, diz: Pois é verdade; sem saber como e nem por que ao passar pela igreja, senti-me tão triste e aflito da vida que tenho levado, que não duvidei se tratasse de uma grande graça que Deus me outorgava, por intermédio ignorava de quem. Verifico agora que a êste anjo devo tão grande graça e favor.

O menino, como que compreendendo tudo, pergunta ao pai si êle não quer ir à Matriz para vêr o bom Menino Jesús. E o pai não se contém. Toma o menino nos braços e estreita-o contra o peito, derramando copiosas e santas e redentoras lágrimas. Pouco depois, pai, mãe e filho, toda a família, aos pés do Sacrário, visitavam com grande emoção e fé o meigo e caridoso Jesús. O pecador convertido confessou todas as suas faltas, levando daí por diante uma vida de verdadeiro cristão e fervoroso católico.

ANTÓNIO CHALBAUD BISCAIA

didadas anti-semíticas. Aprecia, também, a resistência da Hierarquia Eclesiástica à tendência do Estado de Pétain de absorver todo organismo independente. Sentindo a popularidade do Catolicismo e vendo que, a-pesar de suas medidas em favor da Igreja, não pode obter essa estreita colaboração como o que êle desejaria, Pétain se encontra em uma situação difícil. Êle não pode opor nenhuma idéia ou programa à crítica representada pela oposição muda em todo o país, porque o lema da revolução nacional é muito vago e superficial e não encontra eco no povo. Em vão Vichí convida a Igreja para endossar as idéias que o Marechal edita. A Igreja consentiu em uma prudente colaboração, mas recusa toda identificação com o regime de Vichí.

A experiência de outros regimes autoritários incita ao Episcopado francês a tomar essa prudente atitude. O ataque contra as Escolas Livres e contra a Juventude Católica, lhes dá razão. O Exmo. e Rvmo. Mons. Théas, Bispo de Montauban, resumiu o ponto de vista da Hierarquia nestas palavras: "Nós não podemos, naturalmente, colaborar, se isso leva a uma confusão do temporal e do espiritual, ou mesmo à submissão do espiritual ao temporal... e, particularmente, se implica o sacrifício da liberdade de movimento da Ação Católica. Todas as organizações da Juventude devem permanecer independentes."

E o Exmo. e Rvmo. Sr. Bispo de Montauban conclue: "França, sim, mas Deus primeiro."

A Pia União Mariana de Sufragios

(Do P. FÉLIX UGALDE, C. M. F.)

*Cristão pio, se os teus finados amas
Que das virtudes no ouro refulgiram,
Da ferrugem talvez que contrairam
Se acendram hoje em purgadoras chamas.*

*Por que pelo seu bem já não te inflamas
Se eles por ti seu amor não mediram?
Por que não sôbre o fogo em que cairam
O santo calix da expiação derramas?*

*O silêncio funéreo dos olvidos
Sepulcro maior é dos fenecidos
Náufragos do mais triste dos naufragios.*

*Mas é Nave que acode salvadora
Trazendo no velame luz redentora
A Pia União Mariana de Sufrágios.*

(Pela tradução)

P. LUIS SALAMERO, C. M. F.

Toda a Europa anseia por uma restauração imensa, por uma ordem nova que seja mais justa e mais cheia de caridade, que é o vínculo da perfeição para os indivíduos como para os povos. Transformação restauradora imensa: em extensão e em profundidade.

Porque a verdade é que as ruínas materiais que já enchem de escombros tantas nações não são mais do que efeitos de uma causa, pó simbólico e asfixiante, subido de outras ruínas — de ordem espiritual, que têm vindo a assolar o mundo moral.

Só a espada espiritual é capaz de construir sôbre bases justas e duradouras.

Toda a ordem histórica que não assente sôbre os valores eternos da consciência humana, é construção sôbre areia movediça. Diz-nos a História que, a partir da Revolução Francesa de 1789, a palavra restauração não tem deixado de ser ouvida pelos homens e pelos povos, às vezes com ressonâncias místicas. Em princípios de 1800, o Congresso de Viena reuniu as grandes potências de então para a restauração da antiga ordem, derribada por aquela Revolução, fruto dos iconoclastas da Enciclopédia, e ajudada na sua queda definitiva pelo herdeiro dela “ab intestatu”, o senhor de Bonaparte. Foi refeito o mapa da Europa, traçaram-se novas fronteiras com rios de tinta, milhões de palavras falaciosas, de blocos de papel e selos das chancelarias. O “antigo regime” foi remodelado com novos Códigos civis e penais. Que se logrou? Uma alteração de fachada, mas não em substância. Estavam construindo a suposta ordem nova sôbre areia, porque, para ela, se desprezavam as bases cristãs e humanas de toda a grande reforma social justa, e não tinham autoridade moral os novos arquitetos e mestres de obras.

A chave do espírito estava e estará sempre encerrada, como em escrínio incorruptível, no fundo da consciência humana.

Só uma revolução moral e social é eficaz: a que fôr ao encontro, prestando-lhe todas as homenagens devidas, do espírito vivificante que une, engrandece e liberta os indivíduos e as nações; a que fôr executada por uma espada da justiça e da caridade que nunca pôde ser corrigida na forja de idealismos paganizantes e aberrantes do único e verdadeiro sentido humanista e cristão da verdadeira civilização ocidental.

Algo sabia de tudo isto São Paulo quando, para restaurar o mundo, centralizou todo o seu apostolado na conquista do pensamento e da consciência do homem pagão pelo seu renascimento no “homem novo”; no homem novo que, na palavra de Cristo e Nicodemos, tem de ser informado da verdade de que “quem não nascer outra vez não pode entrar no reino dos céus”. A restauração da Europa pela instauração da chamada “Ordem Nova”, ha de fazer-se na abjuração de todos os erros contra a Verdade única que salva.

Mas é necessário uma certa autoridade moral para proclamar essa Verdade.

OS SANTOS DA SEMANA

NOVEMBRO

DIA 2 — XXII Domingo depois de Pentecostes. — Finados.

DIA 3 — São Huberto. — Santa Sílvia. — São Cesário.

DIA 4 — São Carlos Borromeu. — São Emerico. — Santo Amâncio.

DIA 5 — São Zacarias — São Teótimo. — São Silvano.

DIA 6 — Santo Ático. — São Leonardo. — Santa Modesta.

DIA 7 — 1.^a sexta feira. — São Florêncio. — Santo Ernesto.

DIA 8 — São Deodato. — São Godofredo. — Santa Heresvita.



Lições Evangelicas

XXII Domingo depois de Pentecostes:

A CESAR O QUE É DE CESAR E A DEUS O QUE É DE DEUS

A ficção e o engano são sempre a arma vil daqueles que, entrincheirados nos campos do erro, combatem sem treguas a verdade. Foi esta a tática dos inimigos de Cristo. Ajuntaram-se os fariseus e os herodianos e enviaram seus discipulos a Jesús, dizendo: Mestre, sabemos que és verdadeiro, e com verdade ensinas o caminho de Deus, e de ninguém se te dá, porque não fazes acepções de pessoas; dize-nos, pois: que te parece? É licito dar tributo a Cesar ou não? Mas Jesús, conhecendo sua malícia, disse: Por que me tentais, hipócritas? Mostrai-me a moeda do tributo. E elles lhe apresentaram um dinheiro. E Jesús lhes disse: De quem é esta imagem e esta inscrição? — Disseram elles: De Cesar. Então lhes disse elle: Dai, pois, a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus.

★

Interessante a conduta dos inimigos de Cristo! Estão hoje cheios de escrúpulos sobre o pagamento dos tributos a Cesar, porque julgam que com esse ato reconhecem o domínio do estrangeiro sobre a Judéa, e amanhã, quando se esforçam por arrancar de Pilatos uma sentença de morte contra Jesús, não têm receio em reconhecer este mesmo domínio, dizendo: Elle chama-se rei; mas nós não queremos outro rei que Cesar.

Quantos cristãos, nos dias que atravessamos, observam a mesma conduta que os fariseus de outrora!... Na presença de pessoas religiosas, mostram-se obsequiosos com a Igreja e respeitosos com os seus representantes; louvam a sociedade católica e as piedosas instituições que nela se desenvolvem e crescem; verberam o vicio e a impiedade; lamentam as desordens da sociedade, e fazem profissão duma fé profunda e dum catolicismo a toda prova.

E estes mesmos cristãos, ante a possibilidade de conseguir um emprego público ou de conquistar algum cargo honroso, despem-se daquela túnica de religiosidade e combatem a Igreja, e renegam de Cristo, e vendem a consciência, e dão provas de ser homens sem moral, sem carater, sem princípios, prontos a perpetrar o crime para satisfazer suas paixões e seu torpe interesse.

★

“Dai a Cesar o que é Cesar e a Deus o que é de Deus.”

Preceito solene que constitue a base de toda politica cristã, que define e limita os deveres do cristão para com as autoridades civis.

Todo homem deve estar sujeito e subordinado à legítima autoridade, porque todo poder vem de Deus.

Esta doutrina, que está de pleno acôrdo com os princípios da razão, foi confirmada pelos exemplos admiraveis do Redentor que se manifestou sempre obediente e respeitoso com o poder civil.

Para obedecer o edito de Cesar, dispôz, ainda antes de nascer, que seus pais se encaminhassem a Belém, embora fosse com grandes sacrificios. Pagou por si mesmo e pelo Apóstolo São Pedro o tributo que se lhe exigia, realizando para isto um milagre.

Nosso dever, como discipulos de Jesús, é seguir e obedecer os exemplos sublimes do Mestre, respeitando e obedecendo a autoridade civil, desde que ela seja legitimamente constituída.

Não esqueçamos, porém, que si somos obrigados a dar a Cesar o que é de Cesar, temos ao mesmo tempo obrigação de dar a Deus o que é de Deus.

Nossa obediência aos poderes da terra não é absoluta, mas tem os seus limites, que nunca poderá ultrapassar. E quando se exceder nesses limites e ultrapassar os seus direitos, não será mais credora a nossa obediência e ao nosso respeito.

Quando um poder terreno mandar alguma cousa contraria à lei divina ou eclesiástica, não só não devemos obedecer, mas devemos opôr-lhe uma resistência enérgica e absoluta, porque nesse caso o legislador iniquo não é mais legitimo representante de Deus.

Quando tal acontecer, o cristão franco e resolutivo deveria responder o mesmo que o Apóstolo São Pedro, quando o Sinédrio judaico lhe impunha prohibição de não mais prègar o nome de Cristo: “É necessário obedecer a Deus antes do que aos homens.”

Palavras saturadas de sabedoria celestial, que serviram como norma de conduta a mais de treze milhões de mártires que defenderam com seu sangue os direitos da verdade e da justiça.

É de grande importância esculpirmos profundamente no coração este grave preceito de Cristo, nestes tempos calamitosos, em que os Estados, esquecidos de sua origem e de sua sublime missão, fazem gala do mais estúpido ateismo e sacrilegamente combatem a autoridade suprema de Deus sobre a terra.

Si não quizermos trair nossa própria consciência e carregar sobre nossas almas o peso enorme de um gravissimo delito, devemos, nestes casos, cumprir rigorosamente o preceito de Jesús Cristo, dando a Deus o que é de Deus.

Por cima de todas as leis humanas, está a lei eterna de Deus, que nunca se pôde violar conscientemente sem perpetrar um crime.

A Cesar o que é de Cesar; a Deus o que é de Deus.

P. ANASTACIO VASQUEZ, C. M. F.

Meu Cantinho

A imprensa

INSISTO!

Como dizia Napoleão I, o melhor argumento é a *repetição*.

Pois ando a repetir, a reptir ultimamente que a imprensa é necessária, é oportuna, é a melhor e a maior das armas na luta por um ideal.

E nós, católicos, si não compreendermos a necessidade da imprensa, veremos mais cedo ou mais tarde a calamidade, o desastre desta atitude acanhada, mesquinha, em face do maior problema da hora que vamos vivendo.

Perdoem-me si vou aquí e por aí afora a empregar o argumento de Napoleão: — repetir, repetir mil vezes aos nossos católicos:

Imprensa! Imprensa! Boa imprensa!

DOM DO CÉU

A Igreja saudou a aparição da imprensa no mundo como um *dom do céu* — *Divino favente numine inventa*, escreveu Leão X no decreto "*Inter sollicitudines*".

Gutenberg começa por imprimir o mais santo dos livros: a Bíblia. Dizem que com desconfiança, má vontade e até como heresia, fôra recebido na Igreja o invento maravilhoso da imprensa.

Nada mais falso que semelhante afirmação. *Dom do céu*, eis a expressão de Leão X.

Não é realmente maravilhoso ver assim facilitada a rude tarefa da difusão das idéias? E a Igreja, semeadora das idéias sublimes do Evangelho de Cristo, *Magistra veritatis*, Mestra da Verdade, poderia deixar de se regozijar vendo, com o progresso, novos meios mais rápidos e admiráveis da propagação da fé?

A imprensa recebeu sempre da Igreja a bênção carinhosa dos seus Pontífices, e desde o seu aparecimento na terra foi, é e será um dos meios mais eficazes e poderosos da propagação e defesa da nossa fé.

Um dom do céu!

INSTRUMENTO DO MAL

O *dom do céu*, "*divino favente numine inventa*", na expressão de Leão X, se transforma logo em instrumento do mal e do erro. E como tudo dêste mundo transtornado pelo pecado original, se inclina mais para o inferno que para o céu.

É a imprensa então como a língua de Esopo — *a melhor e a pior cousa do mundo*...

Si não nos servimos dela como instrumento do bem, será o instrumento do mal.

"Os homens estão dominados por uma avidez insaciável de ler", escreveu Leão XIII.

Ou lhes damos o que ler, isto é, saciamos a sua avidez de leitura, ou ficamos a marcar passos sem lhes transmitir nossas idéias, nossos ideais.

É a grande potência, a maior potência dos Estados e do mundo contemporâneo.

E infelizmente, desgraçadamente quasi sempre a serviço do mal e da mentira!

Pobre invento de Gutenberg!

FARMÁCIA

Escrevera um poeta castelhano:

*"La prensa es gloria y es lodo,
La prensa lava y salpica,
La prensa es una botica
Donde se encuentra de todo."*

Sim, realmente a imprensa é glória e é lodo. Sabe glorificar o bem e a verdade. Ao serviço de uma boa causa, um bom jornal e uma boa pena... que glória! Mas... é lodo... E que lodo! Ai de quem nele se atola! Ondas de lama e de lodo despejam cada dia os prelos. A mesma imprensa que ao serviço do bem lava, purifica as almas, suja-as, mancha-as hediondamente ao serviço do erro, da imoralidade, da heresia e do mal.

A imprensa, enfim, é farmácia.

Es una botica... Tem veneno e tem remédio. Pode curar e pode matar. Aí se encontra de tudo. Pode fazer bem e pode até matar. Os antigos chamavam à biblioteca "*farmácia das almas*". Nada tão exato. Si ao farmacêutico faltam reta consciência e competência, que desastre! Que ameaça à saúde pública!

Que diremos dos escritores, livreiros e editores?

NOVIDADES...

Referem os "*Atos dos Apóstolos*" que quando São Paulo falou no Areopago, os atenienses e os forasteiros que por lá estavam quizeram ouvir o Apóstolo, porque desejavam saber alguma novidade, algo extranho e novo: *aliquid novi*.

Esta curiosidade, êste espírito ático, ainda existe hoje mais do que em tempo algum da história. O cidadão moderno tem sede de novidades — *aliquid novi*. — E é mister, custe o que custar, dessedentá-lo.

É o que faz a imprensa. Dá novidades ao povo. Boas ou más, pouco importa. Notícias, idéias novas. E nem é preciso mais ir procurá-las no Areopago ou no Forum, como o faziam os romanos. As novidades chegam cada dia em casa e de portas à dentro, comodamente assimiladas, preparadas, agradáveis a cada paladar — o jornal.

Saído do prelo, o jornal com as idéias e fatos do dia. E como quem bebe um copo de bom refresco, o cidadão mata a sua sede de *aliquid novi*..., a sede das novidades.

Eu creio que si hoje voltasse São Paulo

FAVORECIDOS PELO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA E BEATO CLARET



DUARTINA

Alunas do Colégio dos Anjos, de Botucatu.



JABOTICABAL

Flora Morescalchi, filha
do Sr. João Morescalchi
e de D. Leonilda D.
Morescalchi.

ao mundo, não prégaria mais no Areopago, seria jornalista, disse Ketteier.

E prégaria a este mundo paganizado a novidade do Evangelho!

O JORNAL DISSE...

Os escolásticos costumavam dizer: *Time lectorem unius libri*; teme o leitor de um livro só.

Sim, realmente, é para se temer o homem que assimilou bem um livro, mas é mister distinguir, diz judicioso autor, si este livro é a *Bíblia* ou a *Summa de Santo Tomás*. Não se ha de temer assim a cultura do leitor de qualquer livro...

Do jornal, porém, se ha de dizer exatamente: *Teme o leitor assíduo de um jornal*.

Si temes a idéia do jornal, teme ainda mais o leitor que o toma nas mãos todos os dias e o devora.

O cidadão moderno vive o seu jornal, encarna o pensamento do seu jornal, fala, discute, forma opinião pelo seu jornal. A linguagem é sempre a mesma: *li no jornal...*, *o jornal disse...*, *o jornal é desta opinião...*

O jornal, enfim, é hoje *Magister dixit* das peripatéticas de outrora.

E podemos descurar no combate pela causa de Cristo, da Igreja e da verdade, o jornal que forma opinião, isto é, forma leitores? Que católicos destemidos não formaria uma legião de Diários católicos neste Brasil!

P. Ascânio Brandão

DÚVIDA

Num dia de caça na floresta, Henrique IV, levado pelo entusiasmo, afastou-se da sua comitiva. Não encontrando animais, ia regressando, quando avistou um camponês. Chamou-o e, segundo o hábito que tinha de prestar atenção à gente humilde, pôs-se a conversar familiarmente com o camponês.

— O rei Henrique caça na floresta — diz o homem — e eu me sentiria bem feliz si o visse.

— Ah! queres vêr o rei? — perguntou Henrique IV. Bem. Monta na garupa do meu cavalo, que te conduzirei ao seu encontro...

— Mas, como o reconhecerei?

— Nada mais simples. Basta-te olhar. Todos tiram o chapéu diante dele. Sõmente o rei conservará o chapéu na cabeça.

Com o camponês na garupa, Henrique IV chegou ao lugar do encontro e, efetivamente, todos os presentes se descobriram.

— Então, estás contente? Viste o rei? — diz o soberano, virando-se na sela.

— Notei que todos tiraram o chapéu... Mas vosmecê e eu conservamos o nosso. Qual de nós será o rei?

— És tu, certamente! — concluiu Henrique IV, com uma gargalhada.



Refletir muito e falar pouco é o grande segredo para aprender.

Primeiro Congresso Eucarístico da Diocese de Sorocaba

Foi instalado, solenemente, o Primeiro Congresso Eucarístico de Sorocaba, cumprindo-se as partes constantes do programa, para esse dia. Assim, às 19 horas saiu da catedral a procissão levando a imagem de Nossa Senhora Aparecida, que foi colocada no altar-monumento da Praça Frei Barauna.

Logo após a chegada àquela praça, que se achava tomada pelo povo, o cântico e orquestra de quarenta figuras, sob a regência do Padre José Zanola, executou o hino pontifício, seguindo-se o "Credo", cantado também pela assistência. O Sr. Bispo pronunciou longa e magnífica oração sobre o Congresso, que ficava desde então com os seus trabalhos iniciados. Seguiu-se a leitura do relatório de várias paróquias quanto ao movimento preparatório realizado em cada uma e, logo depois, falou o Padre Armando Guerazzi para discorrer sobre "A Eucaristia, sementeira de vocações sacerdotais". O segundo orador foi o professor Jorge Moisés Betti, que desenvolveu o tema "Influência da Eucaristia na formação da criança". Receberam os oradores fartos aplausos da assistência. A sessão teve fecho com o hino do Congresso.

Na vasta Praça foram colocados altofalantes e, além disso, houve irradiação pela emissora local P. R. D. 7.

No dia 24, às 18.30 horas, chegou o trem especial conduzindo o Exmo. e Rvmo. Sr. Arcebispo de São Paulo, o Exmo. e Rvmo. Sr. Arcebispo de Cuiabá, demais Bispos e Sacerdotes. Em seguida, os Srs. Bispos, acompanhados da massa popular, demandaram à Praça Frei Barauna, onde assistiram, às 19 horas, no Pavilhão do Congresso, à Sessão Solene.

Sabado, às 7,30 horas, no altar-monumento, D. Frei Luiz Maria de Santana, Bispo de Botucatu, celebrou a Santa Missa, distribuindo a Sagrada Comunhão a um grande número de crianças. Às 9 horas, houve uma sessão no Seminário Diocesano, presidida pelo Sr. D. Paulo de Tarso Campos, Bispo de Santos; às 10,30 horas, os Srs. Bispos dirigiram-se ao novo prédio das oficinas da Escola Profissional Mista, que foi benzida pelo Sr. Arcebispo Metropolitano de São Paulo; às 15 horas, os Srs. Bispos fizeram coletivamente uma visita à exposição da Doutrina Cristã da Catedral e do Ensino Religioso da Diocese, no prédio da Ação Católica; às 18,30 horas, teve lugar o encerramento da exposição e bênção do Santíssimo Sacramento na igreja de Santa Clara; às 19 horas, sessão solene na Praça Frei Barauna, na seguinte ordem: hino pontifício; "Credo", pela assistência; saudação ao Santo Padre pelo Sr. João Batista de Macedo Mendes, advogado no fóro de Itapetininga; sumula dos trabalhos preparatórios paroquiais; canto "Final da Ceia", do oratório de Perosi; 1.ª tese — "A Eucaristia, fundamento de toda Ação Católica", pelo Padre Eduardo Roberto,

diretor da Federação Mariana Feminina; canto pelo cântico; 2.ª tese — "Jesus Cristo Rei, solução de todos problemas que agitam a sociedade", pelo Dr. José Carlos de Ataliba Nogueira, catedrático da Faculdade de Direito de São Paulo; hino do Congresso e hino Nacional.

Após a sessão solene começaram as confissões dos homens, podendo ser feitas no próprio recinto do Congresso; às 24 horas, missa no altar-monumento, celebrada por D. Gastão Liberal Pinto, Bispo de São Carlos, seguindo-se a comunhão geral dos homens. O cântico, dirigido pelo maestro Padre Zanola, executou a "Missa Pontificalis", a três vozes, de Perosi, com as partes moveis em gregoriano.

As festas do encerramento do Congresso obedeceram ao seguinte programa:

Às 7,30 horas — No altar-monumento — Missa celebrada por Sua Excia. Rvma. o Sr. D. Francisco de Aquino Correia, DD. Arcebispo Metropolitano de Cuiabá. — Comunhão geral de todas as Associações religiosas.

Às 8,30 horas — Chegada dos trens especiais conduzindo os congressistas da Diocese de Sorocaba, da Arquidiocese e de outras localidades do Estado.

Às 10 horas — No altar-monumento — Solene pontifical pelo Exmo. e Rvmo. Sr. D. José Gaspar de Afonseca e Silva, DD. Arcebispo Metropolitano de São Paulo.

Após a Missa Pontifical, foi dada a bênção papal, com indulgência plenária a todos os que confessaram e comungaram na Semana do Congresso, orando pelas intenções do Santo Padre.

Às 15 horas, saiu da Igreja Catedral grandiosa Procissão, sendo o Santíssimo Sacramento levado em carro triunfal pelo Exmo. e Rvmo. Sr. D. José Gaspar de Afonseca e Silva, DD. Arcebispo de São Paulo. Chegando o cortejo ao altar-monumento, S. Excia. Rvma. deu à Diocese a bênção do Santíssimo e fez a alocução final.

Às 20 horas, o Colégio Santa Escolástica, dirigido pelas Religiosas beneditinas, prestou homenagem aos Srs. Bispos, Sacerdotes, autoridades civis e militares, participantes do Congresso Eucarístico, oferecendo-lhes uma festa artística no salão próprio daquele estabelecimento de instrução, com o seguinte programa: "Sacrum mysterium", de D. Beda Keckesen, O. S. R., 1 prólogo e 4 cenas. Prólogo — (Mistério sagrado), cena I, "Stultitia Crucis" (loucura da Cruz); cena II, "Mysterium verbi" (mistério da palavra); cena III, "Sacrificium sanctum" (santo sacrificio); cena IV, "Novitas vitæ" (vida nova). Foram personagens dessa representação as alunas Célia Pires Mela (explicadora), Francisca Nogueira Soares (relatora), 21 alunas do Ginásio, formando o primeiro cântico, e outras 21 alunas, também do Ginásio, formando o segundo cântico. Epílogo, hino latino a três vozes, "Da pacem Domine", cantado pelo mesmo cântico.



O Círculo esotérico

NO embarque, o homem despertou a atenção pela sua exqu岸itice. De meia estatura, magro, lívido, olhar vago, andar compassado, vinha meio corcunda e, além disso, inclinava a fronte na atitude de quem procura soluções metafísicas; atrás dele, puxado por uma corda, balia um cordeiro branquinho como a neve.

Um cearense, que baixava do seringal, disse a meia voz para os demais passageiros:

— Este camarada é velho para bancar de São João Batista de procissão.

A reflexão provocou sorrisos. O dono e o cordeiro passaram o pranchão. Com uma gorgeta a um empregado de bordo, o bichinho foi colocado na prôa do convez de segunda classe, e o dono aboletou-se num camarote de primeira. Terminadas as arrumações, o homem veio encostar-se na amurada, para apreciar o vaivem da última hora de escala. Perto dele, estava o cearense, que, depois de alguns anos de exílio, voltava à Terra da Luz com um saldo regular.

O “gaiola” desatracou e, a poucos metros da margem, a campainha tocou para o almoço. Tanto para entabolar uma palestra, o conterrâneo de Iracema disse ao dono do cordeiro:

— Vamos à mesa?

— Obrigadinho! Comi alguma cousa em terra. Aliás, está próxima a hora da concentração.

— Hora de que?

— Da concentração.

— Então, vosmecê vai para um campo de concentração?

— Em união com todos os irmãos do Brasil devo, daqui ha pouco, dirigir minhas energias mentais para São Paulo, centro do nosso grêmio.

— Não entendo esta geometria.

— Não é geometria: é teosofia.

— Então o senhor vai comunicar-se com a tia Sofia? perguntou, sem malícia, o nordestino, que não era de grandes letras.

— O meu amigo não percebe! Sou esotérico.

— Esótico? Bem me parecia, pelos seus modos desajeitados.

— Esotérico, esotérico sou, e não esótico! Com tantos qui-pro-quos, o meu amigo faria um santo perder a paciência.

— A culpa é dos seus termos estrambólicos, que nunca me passaram pela concha dos ouvidos.

— Pertencço ao Círculo da Comunhão do Pensamento.

— Então, somos colegas: eu sou do Círculo Eleitoral do segundo distrito, lá na minha terra.

— O meu amigo baralha tudo e não tenho esperança de esclarecê-lo, devido à sua curta compreensão. Quero dizer que segui um curso de Iniciação e entrei num tattwa.

— Também entrei numa besteira de tatuagem, disse o cearense descobrindo o biceps, onde lhe haviam cravado à tinta uma cruz e uma ancora entrelaçadas.

— Mas que cabeça dura! Tattwa é como quem diria uma irmandade onde os teósofos se reúnem para a oração e meditação.

— Então o senhor é católico?

— Já fui, mas chegou um dia em que a religião dos meus pais não me satisfez mais. Procurei uma crença mais de acôrdo com as luzes do meu cérebro e os afetos do meu coração. Pesei, sopesei e contrapesei: o positivismo, o protestantismo e espiritismo não me deixaram contente. Felizmente, encontrei o teosofismo, que me pareceu mais perfeito dos credos. E aderi ao Círculo do Pensamento.

— Foi muito difícil a sua inscrição naquela joça?

— Fale com mais respeito!

— Não repare! Nós, seringueiros, somos um pouco rudes, mas não entendi zombar de sua tia Sofia, nem do seu esotismo, nem de sua tatuária.

— Quanta barbaridade em poucas palavras! Volto, porém, à pergunta que me fez: para ser integrado na Comunhão do Pensamento paguei 30\$000 de entrada, obriguei-me a evitar do embrutecimento pelo álcool e prometi cumprir com os meus deveres sociais, de acôrdo com o artigo 5.º dos Estatutos.

— Tudo muito bem, mas ouço o terceiro sinal e vou à mesa. O senhor fica mesmo aqui?

— Bom apetite: vou deitar-me para facilitar a concentração.

Convencido de tratar com um sujeito inofensivo mas um tanto “girola”, o seringueiro marchou intrépidamente para o almoço, que lhe pareceu “supimpa”, depois dos longos meses de fome na mata, onde tomava café às quatro da madrugada e almoçava às cinco da tardinha, quando encontrava alguma caça durante o córte.

O carneirinho, colocado na prôa do porão, ficara exposto ao sol, que batia no soalho, com um calor que a reverberação das águas duplicava. O animalejo, acostumado a mimos na casa do dono, não suportou a brutalidade dos raios solares e soltou o último suspiro resignadamente, sem um balido de protesto. Era mais uma vítima da incúria do pessoal de bordo.

Durante este tempo, seu camarote de porta aberta, o dono entregava-se aos mistérios da concentração. Embrulhara-se num lençol que parecia mortalha. Cingira a fronte com faixas alvas, que lhe davam uns ares de mouro com turbante. Atara, ninguém sabe como, os pulsos. De mãos juntas no peito, esticara-se sôbre a cama. Parecia mumia do tempo dos Faraós. Quasi descarnado, quasi cadavérico,

relembrou um defunto da Santa Casa, "empiriquitado" em peças de algodão grosso.

O teósofo evitava qualquer movimento que desviasse do rumo as vibrações mentais. Estas deviam seguir em linha reta para São Paulo, onde eram esperadas pelas vibrações de todos os adeptos do Brasil. Para que não houvesse desperdício de energias psíquicas, o essencial era a imobilidade. Como qualquer remeximento priva de milhares de átomos a massa perfumosa, assim uma sacudidela lançaria irradiações que se desgarrariam no astral, sem proveito para a comunhão do pensamento.

Acabara o almoço dos passageiros e começara o da oficialidade, quando um taifeiro emergiu da escada do porão e gritou:

— Comandante, comandante!

— Que ha, rapaz!

— O cordeirinho morreu.

— Que foi isso?

— Ficou na soalheira e caiu fulminado por uma "insolência".

— Insolência, rapaz, e não insolência.

— Tudo vem a dar no mesmo, isto é, na morte do bichinho.

— Sempre o relaxamento! murmurou o comandante. Então, custaria muito agasalhar o cordeiro na sombra? Já é uma falta de caridade para os pobres animais!

— A culpa não é minha, respondeu o taifeiro; não fui eu que tomei conta...

— Já sei que o pecado ha de ser meu! Está bem, rapaz. Vá avisar o dono do defunto.

O taifeiro apressou-se em levar o recado funéreo mas, breve, voltava esbaforido, com a fisionomia transtornada.

— Comandante, comandante!

— Que temos ainda, rapaz?

— O dono... Sabe, o dono do carneirinho?

— Sei, pois não! E que tem?

— Está espichado na cama, feito cadaver de falecido.

— Será possível?!

É como estou dizendo: o homem esticou também, a-pesar de estar agasalhado na sombra, longe da quentura do sol.

Levantaram-se todos e correram para o camarote funesto, mas o primeiro a chegar foi o cearense, alvoroçado pela notícia. Com as poucas palavras trocadas, julgava-se um pouco compadre do misterioso passageiro e ficou abalado pela catastrophe. Embarafustou pelo camarote e, vendo o amortalhado, teve um susto de poucos segundos. Homem do mato não se espanta facilmente.

Desamarrou as mãos do defunto, tirou-lhe da frente as faixas e começou a sacudi-lo gritando:

— Acorde, camarada! Que diabo disso é aquilo?

Houve um estremeamento no corpo alongado e o teósofo, saindo da concentração a que damos o nome de soneca, despertou a perguntar sobressaltado:

— Que ha? Onde estou? Que pretendem de mim?

O cearense deu uma gargalhada e, virando-se para os curiosos que se apinhavam na porta, a esticarem o pescoço para ver a cena, explicou em voz gritada:

— Não ha nada, gente! O defunto não morreu de verdade. Estava dormindo com toda

aquela geringonça de finado na hora de entrar no caixão. Ao que parece, o homem não regula da bola.

Em seguida, o bom do cearense dirigiu-se ao ressuscitado:

— Sabe de uma cousa? O seu cordeirinho morreu, mas o mal é pequeno. Antes êle do que você! E agora, deixe de bancar o defunto, desça da cama, vá tomar alguma cousa e mande aos quinhentos diabos a tal da tia Sofia.

Padre Dubois



Leia e... sorria



— Tomei a resolução de fechar a porta de minha casa a todos os imbecis!

— E como te vais arranjar para entrar nela?



Certo dia, apareceram numa estação de Estrada de Ferro dous individuos, um dos quais verdadeiro tipo de tropeiro. Êste, dirigindo-se ao telegrafista, interrogou:

— Moço: o trem não trouxe u'a cangaia prá mim?

— Trouxe, sim, para Sebastião, tropeiro, não é isso?

— Isso mesmo, sô eu Sebastião. Quero arretirar.

— O senhor tem conhecimento?

— ?!

Socorre-lhe o companheiro:

— O moço tá priguntano si ocê tem conhecimento; si conhece a cangaia.

— Uai! Si conheço! É só vê ela, púis trabaiêi cum ela tanto tempo no Alecrim!!!



O ENGENHEIRO AURÉLIO CARLOS DE TOLEDO BRAGA, ha pouco falecido, legou em seu testamento para as obras da nova catedral de São Paulo a soma de vinte e nove mil dolares, cerca de seiscentos contos de réis, em nossa moeda. É o maior legado até hoje feito em favor do grandioso templo em construção.

Tomando conhecimento desse magnânimo gesto, em sua última reunião, resolveu a Comissão Executiva dessas obras, em sinal de profunda gratidão à memória do finado engenheiro, prestar-lhe a excepcional homenagem, "ad perpetuam rei memoriam", de colocar o seu busto, em bronze, no interior do templo, ao lado dos bustos dos Srs. Conde de Lara e Adolfo Pinto, os maiores benfeitores da nova catedral. Além disso, na próxima sexta-feira, às 8 horas, S. Excia. Rvma. o Sr. Arcebispo, Presidente da Comissão Executiva, celebrará na crita da nova catedral uma missa pelo eterno descanso da alma do Dr. Aurélio Carlos de Toledo Braga.

A essa cerimônia deverão comparecer os membros da Comissão Executiva das obras e todos aqueles que quizerem associar-se a essa justa homenagem.

Além desse grandioso legado em benefício da monumental igreja que se levanta na Praça da Sé, instituiu o pranteado engenheiro outro em títulos, cujos rendimentos serão aplicados por S. Excia. Rvma. o Sr. Arcebispo Metropolitano de São Paulo, em benefício dos pobres da Sociedade de São Vicente de Paulo, da Obra das Vocações Sacerdotais, do Hospital de Morféticos e dos cegos internados no Instituto Padre Chico.

AGRADECENDO a homenagem que lhe foi prestada em 21 do corrente, com a inauguração da placa comemorativa da sua passagem pelo Brasil, o Papa Pio XII enviou ao Presidente Vargas o seguinte telegrama: "Cidade do Vaticano, 21-10-941. — Penhorado ao Exmo. Sr. Presidente pelo delicado e filial pensamento que me faz reviver lembranças sempre gratas, Augusto Pontífice expressa o seu paterno reconhecimento e abençoa a querida nação brasileira, e para ela e para o seu ilustre Chefe deseja as maiores prosperidades cristãs. Cardeal Magilloni."

UM GRANDIOSO PROJETO de fantástica iluminação da montanha de Montserrat foi apresentado pelo Sr. Carlos Buhigas, e está já em estudo sua pronta execução.

Pela primeira vez no mundo se dará, em Montserrat, a surpreendente visão noturna de um monte iluminado.

A CORÔA DE OURO da imagem da Virgem, na Basílica de Nossa Senhora da Mercê, em Barcelona, que foi subtraída durante a guerra civil, será solenemente reintegrada ao acervo artístico da Basílica pelos funcionários dos serviços de recuperação de obras de arte.

A valiosa corôa de ouro foi encontrada na bolsa de um ex-dirigente comunista, que a tinha abandonado no castelo de Pereleda, perto da fronteira francesa.

AS AUTORIDADES RELIGIOSAS DE BARCELONA iniciaram o processo de beatificação de 100 mártires da guerra espanhola.

A comissão do inquérito, presidida pelo Cardeal Segura y Saenz, remeteu ao Vaticano os primeiros documentos.

A FACULDADE NACIONAL DE DIREITO comemorou, no dia 25, seu cinquentenário. Às 8 horas foi celebrada missa na Candelária, por intenção dos professores falecidos. Às 10,30 horas realizou-se uma sessão magna na Faculdade, com a presença de altas autoridades e representantes das demais escolas federais e das Faculdades de Direito dos Estados.

O Presidente da República assinou decreto-lei extinguindo o curso noturno da Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil. A segunda série será suprimida no fim do ano letivo de 1941; a 3.ª, no fim de 1942 e sucessivamente, até o fim de 1944, quando ficará definitivamente extinto todo o curso noturno, o qual não será prorrogado em hipótese alguma.

UMA INFORMAÇÃO DE ORIGEM ITALIANA adianta que foi avistado em Boulogne, às 21,30 horas da noite de 17, um meteoro gigante, do tamanho da lua. Esse meteoro era provido de cauda luminosa, atravessando o espaço num segundo e ostentando vivíssima luz verde.

A TEMPERATURA DESCEU INESPERADAMENTE em toda a Espanha, após um período de três semanas de tempo primaveril.

No dia 23 o termómetro marcava 22 graus e no dia 24 acusava 10. Em Granada, uma tormenta varreu a província, provocando consideráveis danos, principalmente nas localidades de Galera e Oree, onde os prejuízos são calculados em dois milhões de pesetas.

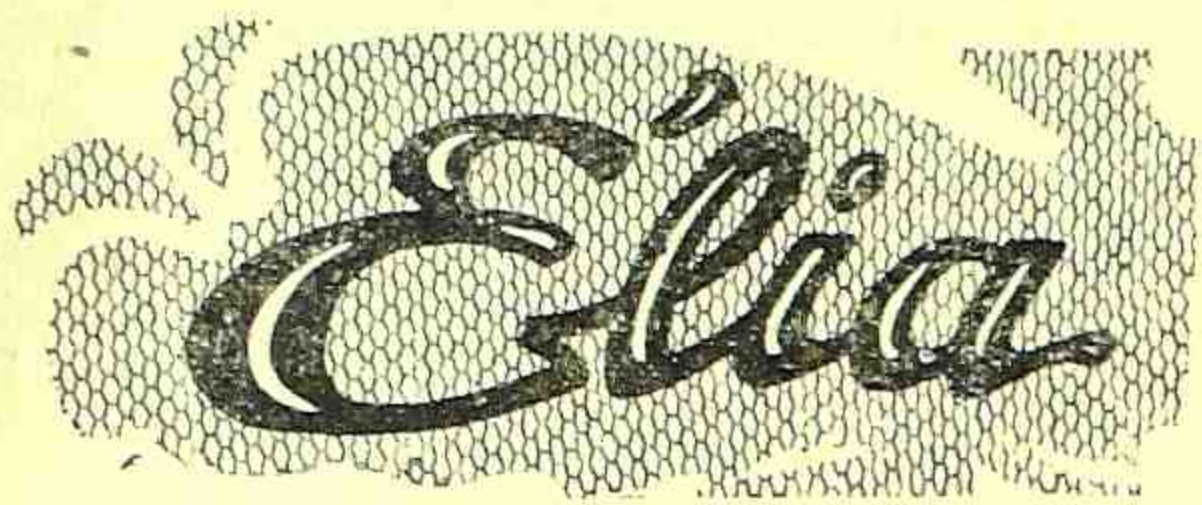
EM DEZEMBRO PRÓXIMO, será comemorado em Portugal o terceiro centenário da criação da imprensa periódica portuguesa. Uma comissão foi encarregada de organizar o programa das comemorações, inclusive uma exposição de jornais portugueses e brasileiros.

CRESCER, EM TODOS OS PAÍSES, o número de mulheres que se empregam, não se excluindo as casadas.

Nos Estados Unidos, mais que em outras nações, é elevada a proporção de esposas que trabalha ajudando seus maridos. Muitas vezes, essa contribuição feminina para o orçamento doméstico é superior à masculina.

Segundo recente estatística oficial, vivem em Nova Iorque 56.000 maridos que ganham menos que suas esposas. Verificou-se que, mesmo entre os mais remunerados, não são raros os que se encontram em humilhante situação econômica em face de suas consortes. Alguns desses ganham 5.000 dólares por ano, ao passo que suas esposas concorrem até com o centuplo dessa quantia.

Biblioteca amena da "AVE MARIA" (1)



CAPITULO I

Brilhava um desses dias esplendurosos com que a Andaluzia se enfeita, como se fôra enlaçada por um colar de jóias. O sol derramava por toda a parte os seus raios de fogo, numa eclosão de luz.

Algumas nuvens, transparentes como véos de tule, desdobravam, no puro azul do céu, as formas indefinidas e diáfanas,

A suave e perfumada atmosfêra vibrava ao glorioso som de todos os sinos da religiosa Sevilha, anunciando a solenidade do dia, a qual era confirmada, a intervalos, pela voz poderosa do canhão.

De todas as sacadas da cidade pendiam vistosos cortinados que ondulavam alegremente, animados do jubilo da cidade. Os transeuntes, engalanados, com os rostos radiantes de alegria, falavam, abraçavam-se pelas ruas sem se conhecer.

Toda aquela multidão delirante se dirigia à catedral, cujas grandiosas portas, abertas de par-em-par, deixavam sair os sons do seu magnífico órgão, enviando ao céu as solenes notas do "Te Deum".

Oh! era uma alegria imensa, profunda, unânime, eletrizante, que fazia pulsar com violência todos os corações, humedecia todos os olhos e punha em cada lábio um agradecimento ao Senhor dos exércitos. Fernando VII tornava a ocupar o trono dos seus antepassados!

Depois do "Te Deum" seria levado em procissão, acompanhado das autoridades e com brilhante sequito, o retrato do legítimo e desejado monarca.

As senhoras, ricamente vestidas, ocupavam as sacadas; e o povo, em massa, seguia o préstito, que era animado pela música e a cada instante coberto por uma chuva de flores.

Fazia-se notar, em uma das sacadas, uma senhora um tanto idosa, sentada em uma cadeira baixa e que chorava, atirando flores a mãos-cheias sobre o carro triunfal que levava o retrato do rei. Vestia esta

senhora uma saía de sarja negra; um chale de renda da mesma côr cobria-lhe os hombros; de renda era igualmente a mantilha, colocada despretenciosamente sobre seus cabelos brancos. Ostentava ao peito magnificos fios de perolas, dos quais pendia, engastado em grossos brilhantes, o retrato do rei.

Atrás dessa senhora, em pé, estava um homem de fisionomia ingênua e benévola, tendo nas mãos um açafate, donde a senhora tirava as flores.

Na mesma sacada, ao lado oposto, sentava-se outra senhora, grave e ereta, rica, porém simplesmente vestida, desdenhando uma formosura que os anos ainda respeitavam.

Entre estas duas senhoras, estava em pé, e apoiada sobre o peitoril, uma jovem que tinha a distinta e impassível beleza de uma estátua de alabastro. A riqueza de seu traje parecia preocupá-la menos ainda do que a admiração de que era alvo.

— Quem é essa moça — perguntou um oficial de artilharia, que acabava de chegar a Sevilha, a um de seus amigos.

— É Esperança Orrea, filha da marquesa de Valdejara, que está sentada a seu lado.

— Conheces essa família? perguntou o artilheiro.

— Sim, respondeu o amigo; somos parentes. Sua tetravó era prima terceira da minha. Aquí, meu caro, segue-se a pista dos parentescos como o perdigueiro à caça...

— Pois então, leva-me à sua presença, disse o oficial. A formosa Esperança feriu-me o coração!

— Deus me livre! exclamou seu interlocutor. Todos dessa família são servidores (1) de sete costados, e tu, que és liberal, serias recebido alí como um cão na igreja!

(Continua)

(1) Dava-se na Espanha a alcunha de servidores, na primeira metade do século XIX, aos defensores da monarquia absoluta.

REUMATISMO ARTICULAR
BENZOPHAN
DIATESE URICA

Preço: 18\$000 — Rua Jaguaribe, 716

PÁGINA INFANTIL



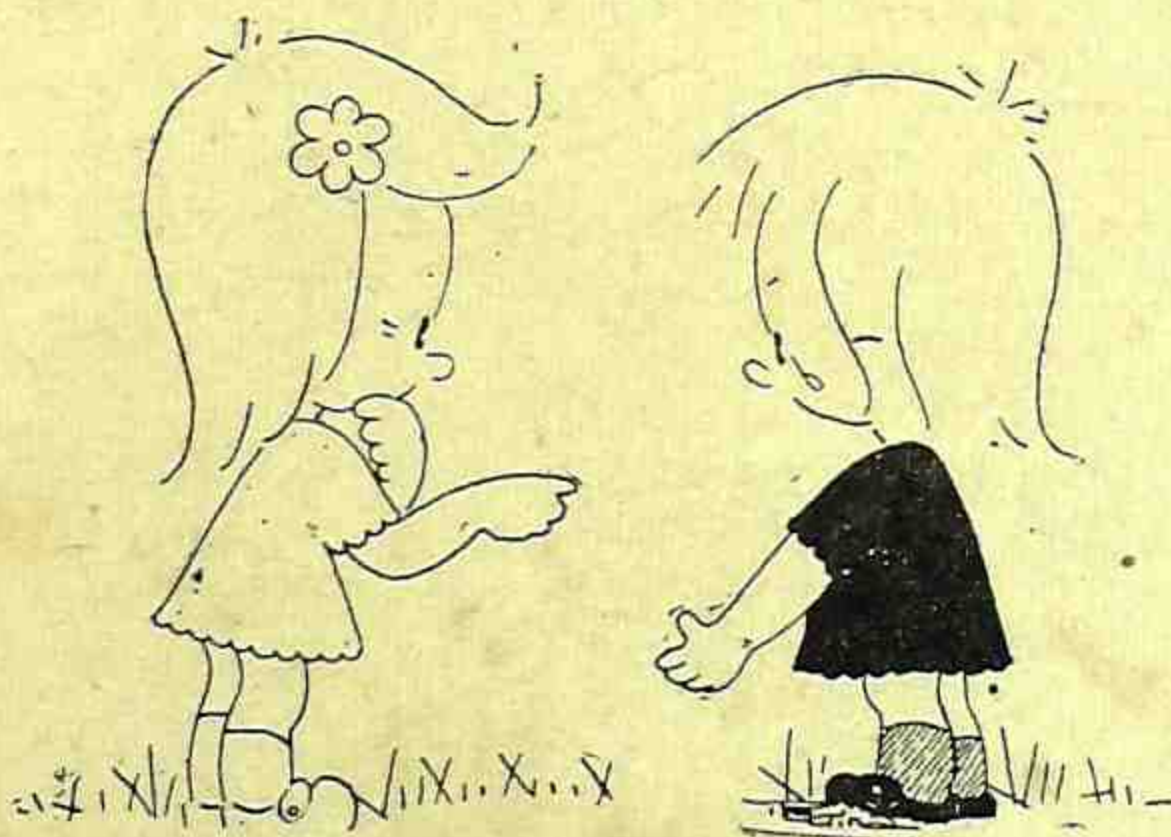
(É proibida a reprodução desta página)

Arrependimento

TODAS as vezes que Mariazinha encontrava aquela menina, ficava séria e dizia baixinho:

— Que menina enjoada!

No entanto, Lúcia era uma boa menina. Considerada até uma das primeiras da classe. E bem merecia essa distinção. Trazia suas lições sempre muito bem feitas, não conversava na classe, não ria nem brincava fora do recreio.



Chegava sempre cedo na escola, e em vez de conversar com as outras meninas, metia-se num canto, a recordar as lições.

Na classe, era ela que recolhia os cadernos, era ela que tomava conta das alunas quando a professora se ausentava.

Todas gostavam dela, menos Mariazinha. Muitas vezes Mariazinha ouvia, bem dentro do seu coração, uma vozinha fraca, uma vozinha que ela bem sabia ser a da sua consciência, lhe dizer:

— Que maldade!... Por que você não gosta da Lúcia? Ela é melhor do que você!...

Mariazinha sabia disso, mas não se corrigia.

Certa vez, Lúcia faltou à escola, e durante muitos dias não apareceu.

Cada vez que Mariazinha via a sua carteira vazia, pensava:

— Por que será que a menina enjoada não veio mais?

Porém, um dia ela voltou.

Vinha pálida, triste, com um sombra nos olhos claros.

Pela primeira vez Mariazinha teve dó dela:

— Você esteve doente?

— Não.

— Então, por que faltou tantos dias?

Os olhos de Lúcia ficaram brilhantes de lágrimas:

— Mamãe morreu!

Mariazinha sentiu vontade de chorar também, mas não disse nada.

Na noite desse dia, ela custou dormir. No silêncio do seu quarto, mesmo tendo os olhos fechados, ela parecia ver Lúcia dizer, muito triste, no seu vestido de luto:

— Mamãe morreu!

Mariazinha se lembrou de uma trepadeira que havia no quintal de sua casa, e que subia, vitoriosa, pela cerca de madeira. Um dia o vendaval a derrubara e ela ali ficara, atirada no chão, sem forças para subir outra vez...

— Que seria da pobre orfanzinha?

E um grande arrependimento encheu seu coração. E com a mesma compaixão que após a tempestade ela erguera a trepadeira caída, Margarida se fez amiga daquela menina sizada e séria, que não conversava na classe, nem ria, nem brincava fora do recreio...

Regina Melillo de Souza

Criança

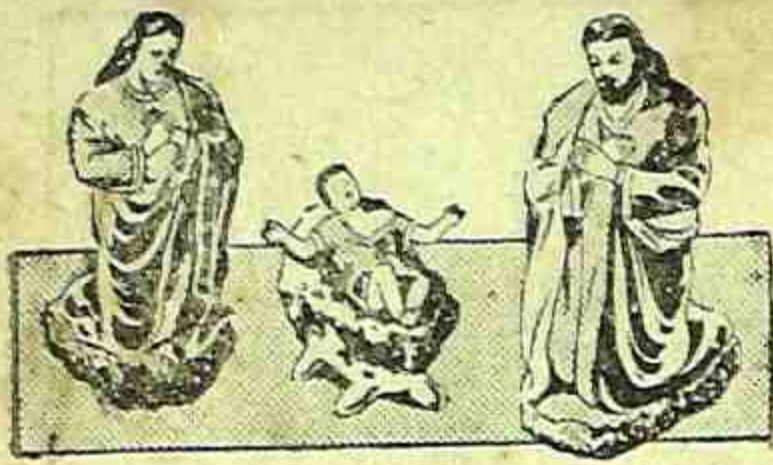
*Criança, na tenra idade,
É como o embrião da flôr;
Carece de mil carinhos,
E extremos de muito amor!*

*Se da flor, o embrião
Não tiver trato e cuidado,
Aos poucos, vai-se estiolando,
Até morrer esgotado!*

*Isto acontece à criança;
Tem trato e muito desvêlo,
Se os pais consciência têm.*

*Mas, se o dever desconhecem,
Esta florinha, fenece,
Se estiolando também!*

PLACIDINA CARNEIRO



Fábrica de Presépios de Terra Cota

Pedro Formagio

RUA GUALAUNA, 230
(Fim da Avenida Celso Garcia)
SÃO PAULO

Peça lista de preços

NOVIDADE

MISSIONÁRIA!

Luzes e Chamas

do erudito PADRE ASTÉRIO PASCOAL, C. M. F., é o livro oportuno e de singular atualidade. É tal o interesse sugestivo das suas páginas, que tomado nas mãos, não se larga mais até terminar a sua leitura.

PREÇO: 5\$000

Pelo correio: 6\$000

Pedidos à

Administração da
"AVE MARIA"

Caixa, 615 São Paulo

Vinho para consagrar "Cruzeiro"

Exmos. Srs. Sacerdotes!

Peçam Vinho para consagrar marca "CRUZEIRO".

Aprovado pelos Exmos. Srs. D. António Reis, Bispo de Santa Maria, D. Hermeto, Bispo de Uruguaiana, e D. José Tupinambá da Frota, Bispo de Sobral.

PRODUTORES:

LUIZ MICHIELON & CIA.

Sede em PORTO ALEGRE
Rua da Conceição n.º 422
Caixa Postal, 514
End. tel. "MIMO"

Seção Agrícola e Industrial em
CAXIAS

VIDROS E VITRAIS

Galliano & Comp.

IMPORTADORES

S
A
O
P
A
U
L
O

VIDROS PARA VIDRAÇAS EM GERAL

VITRAIS ARTÍSTICOS PARA
RESIDÊNCIAS E IGREJAS



RUA LIBERDADE, 590 — FONE: 7-0544

NUNCA ESTÁ *manhoso!*

Com qualquer chocalhinho esta criança se diverte, e até mesmo sem brinquedo algum! É que no geral a alegria de uma criança reside na sua saúde. Não há criança manhosa nem criança triste. Se choraminga, está doente, falta-lhe alguma coisa!

Durante o período da dentição, a CAMOMILLINA evita as perturbações na saúde da criança. Corrige os transtornos digestivos comuns à primeira idade, acalma-lhe a super-excitação e impede os verminoses.

A CAMOMILLINA dá os melhores resultados no tratamento de cólicas, diarreia, gastro-enterite, febre, insônia, etc. Contendo fosfatos e cálcio, proporciona ao organismo infantil materiais de que necessita para a formação dos ossos, dentes, etc. Dá-se CAMOMILLINA às crianças desde cerca de quatro meses de idade.



CAMOMILLINA

PARA A DENTIÇÃO DAS CRIANÇAS

COLLEGIO CORAÇÃO DE MARIA
- CHACARA PARAIZO -
RIO CLARO